
Do todo à parte: curso e percurso do jornalismo especializado em saúde

Amanda Souza de Miranda

Professora no Curso de Jornalismo da Faculdade Bom Jesus - IELUSC - Joinville - SC
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens

Resumo

Este artigo destina-se à reflexão histórica do curso e do percurso de jornalismo científico no Brasil e de sua segmentação. Nossa proposta é entender como o jornalismo especializado em saúde, aqui entendido como uma segmentação do jornalismo científico, passou a ocupar o espaço que possui hoje na pauta dos veículos de comunicação. Até o século XIX, na América Latina, eram profissionais ligados à Ciência que escreviam sobre as novidades da área. A partir do século XX, um novo movimento levou ao destaque a figura do jornalista especializado em Ciência, profissional preparado para falar sobre o tema para públicos cada vez mais amplos. Mas é na virada do século XX para o século XXI que identificamos movimentos mais marcantes de segmentação do jornalismo científico. Ao invés de ocupar-se do todo e do complexo universo das ciências, os profissionais e os veículos passaram a dividi-la em áreas diversas, de forma cada vez mais especializada. Surgem, aí, o jornalismo tecnológico, o jornalismo ambiental e, como interesse desta reflexão, o jornalismo especializado em saúde. A nossa proposta é entender, com base nessa linha do tempo, por quais fenômenos passou o jornalismo e que conflitos viveu a sociedade para que a saúde passasse a se configurar como uma das principais pautas dos grandes veículos de comunicação do país.

Palavras-chave: Jornalismo especializado. Jornalismo científico. História do jornalismo.

1 Introdução

A Ciência é tão antiga quanto a própria humanidade, daí a necessidade de conhecer e perceber sua história como um componente essencial das transformações sociais e tecnológicas que vivenciamos nos últimos séculos. Como fruto da produção e do conhecimento humanos, é inevitável, também, que se transforme em texto, em narrativa, e atraia os olhares midiáticos para tudo o que diga respeito a ela.

Neste artigo, percorreremos parte da história da ciência como pauta jornalística no Brasil, a partir da reconstituição do que se convencionou chamar como “jornalismo científico”. Com base no seu percurso, tentaremos chegar a uma área que dele se derivou, a partir de demandas próprias dos séculos XX e XXI: o jornalismo especializado em saúde. É interesse deste texto apontar de que forma a saúde se alçou, na ciência, como uma das especialidades mais recorrentes na pauta midiática.

Por meio desse percurso histórico, chegaremos também a uma reflexão sobre a própria história da

sociedade contemporânea, cada vez mais ávida por cuidados com a mente e o corpo em um processo no qual se alimenta de informações e as justifica, ainda que elas sejam marcadas por incertezas e indefinições características do jornalismo.

2 Jornalismo científico: a construção de uma especialidade

Poucas especialidades do jornalismo são tão estudadas como o científico. No mais recente congresso da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor 2013), houve pelo menos duas sessões de comunicação oral com temas relacionados ao campo e uma sessão de comunicação coordenada constituída a partir de trabalhos relacionados ao meio ambiente. Com um total de 19 trabalhos, o dado revela uma clara preocupação dos pesquisadores da área com a temática, seguida de perto por estudiosos de áreas que se situam na interface da Comunicação, como a Educação, por exemplo.

Em nível mundial, o pioneiro do jornalismo científico foi o alemão Henry Oldenburg. De acordo com o resgate de Oliveira (2002), apesar de não ser um grande cientista ele tinha talento para aglutinar e inspirar homens da ciência, tendo sido o criador do periódico *Philosophical Transactions*, de 1665. No

ano seguinte, já recebia mensalmente pela produção de cartas impressas de divulgação científica. Essas cartas nada mais eram do que relatos informais, constituídos como um novo gênero literário na época. Era o primeiro passo do jornalismo científico.

Apesar de ter iniciado sua história antes, os maiores saltos da especialização jornalística surgiram entre os séculos XIX e XX, como uma identificada contribuição das duas guerras mundiais na consolidação dos textos que buscavam popularizar a produção do conhecimento científico. Nesse sentido, o jornalista inglês Richard Calder também foi um precursor e destinava-se a escrever sobre assuntos da área no jornal *Daily Mail*. Em 1945, foi ele um dos responsáveis pela criação da Associação Britânica dos Escritores de Ciência (Oliveira, 2002).

Obviamente, o termo jornalismo científico constituiu-se como uma apropriação baseada em uma terminologia mais ampla, utilizada também em outras áreas. Considera-se jornalismo científico a produção baseada em ciência veiculada pelos meios de comunicação, mas chama-se de divulgação científica todo produto (seja ele textual, visual ou cultural) que tenha como objetivo divulgar a ciência para um público amplo. Nesta esfera, situam-se desde eventos como Feira de Ciências até a constituição de espaços públicos – como museus – que objetivam atrair o público para a área.

Neste artigo, refiro-me exclusivamente ao jornalismo científico, aqui considerado como uma especialidade do campo do jornalismo, assim como o são o jornalismo cultural, político e econômico, por exemplo. Em comum entre tais segmentações está a função de fornecer um primeiro conhecimento sobre o mundo que nos cerca e divulgá-lo nos mais distintos canais de comunicação.

No Brasil, o jornalismo científico começou a sua história no século XVIII, com o pioneirismo de Hipólito da Costa, que escrevia sobre o tema para o diário *Correio Braziliense*. De acordo com Bueno (2009), seus relatos eram marcados por assuntos que variavam das maravilhas da botânica, passando pela agricultura e pelas doenças do seu tempo. Mas a efetiva profissionalização do campo ocorreu paralelamente à elaboração dos projetos das primeiras faculdades de jornalismo no país, entre as quais se destaca a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), na figura do professor José Marques de Mello, que alavancou o ensino do jornalismo científico.

Antes disso, ainda na década de 1930, um novo pioneiro começou a desbravar o campo do jornalismo científico. José Reis passou a divulgar com frequência os resultados das pesquisas do Brasil e do exterior, como colunista do caderno *Mais da Folha de São Paulo*,

onde assinava a coluna *Periscópio*. Em 1977, ele foi eleito o primeiro presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico, fundada neste mesmo ano, em clara demonstração de consolidação do campo (Cunha, 2007).

Para além da evolução própria do campo de estudo, o mercado de comunicação no país também passou por mudanças que, conforme sinaliza Bueno (2009) resultaram na ampliação do número de publicações e programas de televisão com conteúdos exclusivamente científicos. A segmentação chegou ao jornalismo, transformando um noticiário que até então era amplo em um noticiário cada vez mais especializado. Essa especialização multiplicou o volume de revistas disponíveis na banca (entre elas, a popular *Superinteressante*, da Editora Abril), dos suplementos encartados nos grandes jornais, como o *Folha Ciência*, da *Folha de São Paulo*, e de programas como o *Bem Estar*, hoje na grade matinal diária da Rede Globo de Televisão.

Encara-se, desta forma, a evolução histórica do jornalismo especializado em *Ciência* como um acontecimento paralelo à própria evolução da *Ciência*. O crescimento da produção científica nacional alavancou, de certa forma, o interesse da audiência para um assunto que, antes, encontrava-se restrito aos bancos acadêmicos. Como a função do jornalismo é

acompanhar as movimentações sociais transformando-as em relatos e narrativas, é natural que a Ciência esteja em uma das posições definidoras desse discurso, ainda que como uma especialização ou segmentação da área.

3 Jornalismo especializado ou segmentado

Para fundamentar a reflexão que buscamos nesse artigo, é importante destacar o que se entende por jornalismo especializado ou segmentado. Para além da mera conceituação, julgamos importante compreendê-lo como uma movimentação e uma resposta do público aos produtos midiáticos.

Tavares (2009) observa a história do jornalismo especializado, resgatando pontos da consolidação do campo no Brasil e na Espanha, uma das escolas mais tradicionais quando se reflete sobre o assunto. De acordo com ele, duas perspectivas balizam o pensamento na área: a primeira, de ordem técnica, e a segunda, mais conceitual. Neste artigo, ocupamo-nos da segunda, posto que nossa intenção é refletir sobre a ascensão dos textos de saúde veiculados pela mídia, e não sobre suas normas técnicas.

Compreendemos, com base no pensamento do autor, que a especialização encontra-se atrelada à

evolução dos meios e à demanda do público, que requeria assuntos cada vez mais diversificados sobre o cotidiano. Por sua vez, esses assuntos eram dispostos com abordagem clara e didática, características universais do jornalismo, porque nasciam e eram formatadas a partir de um grupo especializado no assunto. Além disso, também há que se destacar que a especialização está “ligada a uma nova metodologia do trabalho jornalístico, fundadora de novos produtos (no sentido de notícias e textos)”. (Tavares, 2009, p. 118).

Aqui encontramos um aspecto chave para a reflexão que pretendemos gerar: a de que a segmentação ou especialização não é definida somente pela necessidade do público, mas também por uma necessidade produtiva dos próprios meios. Ora, ao se ter em uma redação um repórter especializado em Ciência, ou em Saúde, este profissional encontra-se autorizado a produzir pautas na área sem prejudicar a credibilidade do jornal ou, diretamente, sem influenciar negativamente na sua audiência.

Nesse sentido, entende-se que o jornalismo científico passou por sucessivos movimentos de especialização no decorrer do século XX e já no início do século XXI, principalmente com o desenvolvimento das escolas de jornalismo. A Ciência é um campo amplo, suscetível a transformações e até mesmo a descoberta de novas áreas. Foi assim com o avanço nos estudos de

genética, com a descoberta da nanotecnologia e com a proliferação de pesquisas sobre meio-ambiente. Assim, entendemos que a própria especialização da Ciência originou a segmentação do jornalismo científico, que exigiu profissionais cada vez mais preparados para lidar com as especificidades da área no movimento interno das redações e que criou uma audiência com demandas cada vez mais específicas, como veremos a seguir.

4 Da Ciência à saúde: a formação dos midiapondríacos

A história da saúde no Brasil, especialmente a partir do século XIX, confunde-se, na verdade, com a própria história da medicina. E é justamente nesse período em que o jornalismo científico tem sua gênese histórica que o país volta-se fundamentalmente a questões higiênicas, “que inaugurariam todo um conjunto de tecnologias de controle e disciplina do corpo (...) para as medidas de controle coletivo, que priorizariam as regras sociais de prevenção” (Edler, 1998, p. 174). Neste mesmo momento histórico, potencializa-se o termo “ordem médica”, a partir do qual o discurso da medicina e do médico surgem como discurso da verdade e da cura, em sua hegemonia e manifestação ideologicamente marcada.

O fortalecimento e enrijecimento desse discurso começou a ser construído a partir de 1870, com

a consolidação do periodismo médico na corte e com o advento da imprensa médica, que, “mais que as instituições acadêmicas oficiais, asfixiadas pelos entraves burocráticos impostos pela administração imperial, tornou-se instrumento (...) de propaganda e persuasão política dos grupos reformistas” (Edler, 1998, p. 179). Este era o espaço principal de “difusão das novas ideias, bem como arena de confronto e negociação político-epistemológica entre grupos que defendiam credos científicos rivais” (Edler, 1998, p. 175). Obviamente, estes textos circulavam somente entre pares, mas nos fornecem um indicativo do quanto a informação, quando escrita e divulgada a um público amplo, tal como ocorre no jornalismo, tem o poder de se constituir como verdade.

Os principais jornais do país também veiculavam anúncios de produtos médicos, que variavam de xaropes para aumentar o apetite dos filhos até medicamentos para bronquite. No século XIX, a indústria farmacêutica não possuía o poder que tem hoje, mas já tinha seus precursores, registrados em publicações e que circulavam junto às notícias de interesse geral, sem uma clara separação do que era anúncio do que era informação.

No século XX, houve a continuidade desse movimento, que ocupava as capas e páginas dos jornais, traduzindo os conceitos de uma era cada vez

mais medicalizada e preocupada com a cura, não com a prevenção. Do ponto de vista político, Araújo (2007) identifica, especialmente na Era Vargas, uma preocupação com a Educação Sanitária (não à toa o Ministério chamava-se Ministério da Educação e Saúde). A pesquisadora afirma que foi um dos momentos em que a dobradinha “Comunicação e Saúde” mais teve força, ainda que com uma conotação bastante ancestral, baseada no entendimento de que o segredo para a cura estava na informação e que o acesso a ela se dava de forma homogênea, com o receptor portando-se como um receptáculo ou uma tábula rasa. Segundo ela, se “ignorava as causas sociais das doenças e confiava, à educação dos indivíduos, a superação do atraso e a instalação de condições mais propícias ao progresso”.

Este movimento teve continuidade no decorrer das décadas que o sucederam e sofreu sua maior mudança em meados da década de 1980, quando se começou a implementar a reforma sanitária – termo considerado a grande revolução na história da saúde pública brasileira. A reforma surgiu no âmbito da VIII Conferência Nacional de Saúde (CNS), realizada no ano de 1986. De acordo com Araújo (2007), “contou com a participação de técnicos do setor saúde, de gestores e da sociedade organizada, propondo um modelo de proteção social com a garantia do direito à saúde integral”. O que mais

chamou atenção no documento e na movimentação que ele gerou, a partir do ponto de vista deste artigo, foi uma concepção mais democrática da saúde. Nesse mesmo momento, em nosso entendimento, abre-se um amplo espaço para que a mídia atue também como difusora de práticas educativas e preventivas para a área.

Em seu relatório final, a saúde passa a ser definida como o resultado não apenas das condições de alimentação, habitação, educação, trabalho, lazer e acesso aos serviços de saúde, mas, sobretudo, da forma de organização da produção na sociedade e das desigualdades nela existentes. A segunda delas é a de que as ações de saúde deveriam garantir o acesso da população às ações de cunho preventivo e/ou curativo e, para tal, deveriam estar integradas em um único sistema. A terceira, a descentralização da gestão, tanto administrativa, como financeira, de forma que se estivesse mais próximo da quarta proposição que era a do controle social das ações de saúde. (Araújo, Inesita Soares de, 2007, p. 115)

Tal percurso histórico nos trouxe ao século XXI com anseios cada vez mais utópicos. Ao mesmo tempo em que ampliou-se o acesso à saúde por meio das políticas públicas e da democratização do acesso aos tratamentos, ampliou-se também a necessidade de informação. Simultaneamente, em um movimento contínuo, o homem passou a se preocupar com o corpo de uma maneira bastante peculiar. Tal fenômeno foi descrito e estudado por Sfez (1996), que identificou na sociedade um fenômeno que caracterizou como

a utopia da saúde perfeita. Miranda (2012) destaca que ele anuncia, em tom lúcido e premonitório, que o corpo encontra-se em um movimento de mutação característico de um tempo que homens se confundem com robôs ou aspiram sê-los.

O corpo vai à desforra, reaparece na frente do palco, exige cuidados, uma atenção constante, oferece-se como sujeito e como objeto. Radiografado, auscultado em suas menores dobras, substituído por pedaços, enxertado em todos os sentidos, prometido à sobrevida de seus órgãos, o corpo humano é fonte e foco de pesquisas, tecnocientíficas e paracientíficas, provocando uma inflação de proibições e de injunções que confluem num discurso de mídia bastante confuso e de práticas autoritárias até o totalitarismo: governos, comunidades científicas, “sábios” reunidos em comissões de vigilância chamadas “bioéticas” tomam medida sobre medida. (Sfez, 1996, p.41)

De acordo com Miranda (2012), seu entendimento de que o corpo e a ciência partilham de um novo momento, em que o ideal do homem parece tender a perfeição, dá à mídia um papel essencial, de difusora desses conceitos. Para Sfez (1996), na era da comunicação “a informação sobre os problemas de saúde circula (...) entre as diferentes culturas, tendendo a homogeneizar as práticas particulares, e o vírus da ‘saúde’ tende a tornar-se universal”. Ao tratar a saúde como uma espécie de vírus, o pensador manifesta sua visão crítica quanto ao assunto, concluindo que “a

ideologia da comunicação todo-poderosa parece, por meio do corpo e das questões que ele suscita, tomar a forma de uma utopia”.

O mesmo caminho é escolhido por Le Breton (2003), que trata do conceito “gestão de si”, segundo o qual o homem toma suas decisões pautado em desejos que acabam produzindo identidades que ele deseja assumir. É a mesma utopia da perfeição da saúde e do corpo sintetizada por Sfez e respaldada pelo discurso midiático de forma cada vez mais especializada:

A gestão de si ao modo da technè não é somente o fato de recorrer maciçamente à psicofarmacologia diante das dificuldades ou das sinuosidades da existência no cotidiano, revelando-se, também, em outras práticas sociais: o uso corrente das vitaminas, dos fortificantes, da diética, etc., a modelagem da forma do corpo: ginástica tonificante, aeróbica, regimes alimentares etc., cujo sucesso também se conhece hoje em dia. Essas práticas são modos voluntários de produção de si, de modelagem da identidade pessoal – elas testemunham um imaginário no qual o indivíduo se desdobra, faz do seu corpo um alter ego e se coloca diante de si como bio engineer ocupado em gerir seu capital físico ou afetivo, em retificar os erros que ele acredita descobrir em sua ‘máquina’, em otimizar e explorar seus recursos (Le Breton, 2003, p. 66).

Foi esse direcionamento que deu à mídia, em suas manifestações discursivas contemporâneas, o poder de controlar, disseminar informações e até mesmo prescrever cuidados – algo que, nos princípios

da medicina, era função somente dela e de seus profissionais. Essa mudança de olhar – do corpo doente para o corpo são, perfeito – difundiu o número de veículos de circulação nacional que tratam do assunto (cadernos dos jornais Folha de São Paulo, O Globo, Estado de São Paulo; revistas como a Vida Simples, Saúde, Boa Forma e programas de televisão como o Bem Estar, Fantástico e Globo Repórter).

Tais veículos abordam pautas relacionadas ao tema na perspectiva da prevenção e do tratamento e revelam uma geração de “midiapondríacos”, que, muitas vezes, substituem o consultório médico pelo compulsivo acesso a informações pelos meios de comunicação. Para se ter uma ideia sobre como esse fenômeno está em um momento de auge, somente na fanpage do programa Bem Estar, matinal diário da Rede Globo, há cerca de 2,5 milhões de seguidores, um número maior do que de jornais diários tradicionais, como a Folha de São Paulo e pouco menor do que a página de interação da própria Rede Globo.

Nos posts, percebe-se, de forma geral, em um olhar bastante exploratório e desprezioso, que os seguidores e usuários da página comportam-se não como telespectadores, mas como pacientes: fazem perguntas sobre os temas lançados e esperam que sua questão seja selecionada para ser respondida ao vivo.

Mas, para Kuscinsky (2002), em convergência com o neoliberalismo, esse tipo de discurso segmentado e especializado em saúde pode gerar controvérsias. Ele identifica “a não abordagem pelo jornalismo, assim como pela própria medicina, dos processos sociais de produção da doença e das neuroses, tratando apenas das manifestações desse processo”. Além disso, preocupa ao pesquisador o fato de os jornalistas não ouvirem enfermeiros, paramédicos ou outros trabalhadores de saúde. “(...) eles só buscam o médico renomado ou a autoridade e somente para legitimar algo que eles já resolveram dizer”. Com o mesmo olhar crítico, o pesquisador destaca que percebe um nicho de mercado no fenômeno de ascensão do jornalismo especializado em saúde:

(..) a saúde se tornou estratégica no campo da comunicação. Revistas como a Veja produzem capas de saúde regularmente, porque são as capas que vendem, na concepção de mercado que eles têm; mesmo quando está caindo um World Trade Center, eles fazem questão de a cada três ou quatro edições dar uma capa de saúde. São capas que vendem. Então nós vemos que há uma espécie dum turbinamento: a saúde é vendida como mercadoria e, portanto, na mídia ela é mais mercadoria ainda, é dupla-mercadoria porque tem que ser muito mercadológica a forma como é apresentada, a forma como é tratada. (Kuscinsky, 2002, pg. 98)

Neste sentido, torna-se, necessário, em estudos posteriores, identificar quais as características das manifestações discursivas da saúde em um momento histórico no qual os veículos mostram-se interessados em adotar esta pauta entre seus conteúdos de destaque e no qual a própria sociedade parece viver um momento de necessidade de prescrição e orientação, em um fenômeno que aqui denomino de “midiapondria”, em alusão ao termo hipocondria, estabelecido para designar indivíduos viciados em medicamentos.

Considerações

Este artigo teve como objetivo identificar a partir de qual momento histórico o tema saúde passou a ocupar o jornalismo científico, em alguns momentos sobrepondo-se a ele com conteúdos cada vez mais especializados, prescritivos e orientativos. Obviamente, trata-se de uma tarefa complexa para ser feita ao longo destas páginas e será debatida com mais propriedade e aporte teórico na tese da autora, cujos principais objetos são os programas de televisão que oferecem a pauta da saúde como seu principal produto editorial.

Ainda que de forma preliminar, identificamos que os movimentos no campo de jornalismo acabaram

acompanhando os movimentos da sociedade: o jornalismo se especializou à medida que a própria saúde foi se especializando. A sociedade exigiu de ambos respostas mais precisas e específicas para seus problemas.

Evidentemente, o curso histórico continua. Hoje, muito mais caracterizado como sendo de um século em que se busca a autoridade – tanto do discurso da Ciência como do discurso da Imprensa – para adequar estilos de vida e adotar estratégias de prevenção. Obviamente, não é nosso interesse, nesse espaço, qualificar essa movimentação como positiva ou negativa, mas apenas lançar um olhar sobre ela para entendê-la como fenômeno de um tempo de utopia – a utopia da saúde perfeita (Sfez, 1996).

Por ora, consideramos que essa busca por longevidade, qualidade de vida e saúde pertence a um momento histórico em que os cidadãos têm mais acesso a estratégias de prevenção e que, justamente por isso, adotam-nas em seu dia a dia e rendem audiência aos veículos de comunicação que se interessam por sua pauta, em um movimento contínuo no qual as empresas de comunicação parecem dar à sua audiência as respostas que ela própria busca.

Referências

- ARAÚJO, Inesita Soares de. Comunicação e Saúde. In: MARTINS, Carla Macedo; STAUFFER, Anakeila de Barros (Org.). *Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. p. 101-124.
- Bueno, Wilson da Costa. *Jornalismo Científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória*. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-06.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2013.
- DLER, Flavio Coelho. A MEDICINA BRASILEIRA NO SÉCULO XIX: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO. *Asclepio*, Madrid, v. 2, n. 1, p.169-186, maio 1998. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rcct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCgQFjAA&url=http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/download/341/339&ei=AnaSUpHOM8q1kQer54CwAw&usq=AFQjCNEfCXxwvSFnV5-1vVrBbN55nfahRw&sig2=4kCPfpNAn3Zk5QU_CQFndQ&bvm=bv.56988011,d.eW0>. Acesso em: 1 nov. 2013.
- Kuscinsky, Bernardo. *Jornalismo e Saúde na Era Neoliberal*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v11n1/10.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.
- LE BRETON, David. *Adens ao corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.
- MIRANDA, Amanda Souza de. Anais. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DOS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11., 2013, Brasília. A informação em saúde como produto da cultura da mídia. Brasília: Sbpjor, 2013. p. 1 - 15.
- OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2002.
- SFEZ, Lucien - *A saúde perfeita*. Crítica de uma nova utopia. São Paulo: Loyola, 1996
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *O jornalismo especializado e a especialização periodística*. Estudos em Comunicação, Curitiba, v. 5, n. 1, p.115-133, maio 2009. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.